

A experiência industrial de Afonso Lopes Vieira

Imaginar que o poeta Afonso Lopes Vieira (1878 – 1946) esteve envolvido numa experiência de indústria vidreira, na Marinha Grande, durante a temporada da I Grande Guerra, foi um ligeiro abrir de janela que a publicação do volume das suas cartas dirigidas a Artur Lobo de Campos – *Correspondência e Autógrafos (1909 -1845)* - nos permitiu entrever (Nobre, 2001 ...*um longo ataque de melancolia mansa...*).

Artur Lobo de Campos era amigo do poeta desde a infância e Lopes Vieira confiava nele para os recados mais triviais do dia-a-dia, como as insistências com o alfaiate e as camisas, a compra dos vasos de barro, ou – quando se tratava das obras de restauro da casa de S. Pedro de Moel – os azulejos que tinham sido encomendados em Alcobaça. Como acontece entre amigos chegados, uma parte substancial do conteúdo dessas cartas é sobre a saúde e a falta dela, que o Poeta contrasta com autoironia, colocando-os aos dois num polo de permanente ausência: um, com a apendicite; o outro com a *melancolite* (cf. Nobre, 2001, p. 32: postal de 29 de agosto de 1914).

Outro tema fulcral desta correspondência é a metamorfose dos dias e a chegada do outono/inverno, que dá ao lugar habitado uma transformação capaz de influenciar o poeta:

Querido Amigo – foi-se o Outono, chegou o Inverno! Escrevo-lhe da varanda murcha em todas as suas cores, nas quais parece q choveu cinza. Isto agora é para durar, de sorte q vou fazer uma cura mística de melancolia e meditação, olhando p^a. o mar côm de barro e para a algeidez das areias molhadas. [...] (Nobre, 2001, p. 38: postal de 13 de outubro de 1914)

O tema da guerra é constante, autocriticando-se o poeta por poder continuar a dormir em lençóis limpos quando as notícias da devastação e dos horrores da guerra começam a ser do conhecimento de todos. A consciência de estar a viver tempos difíceis e violentos, resguardado deles, talvez seja uma explicação para o sonho violento que relata ao amigo Artur, embora o inconsciente goste de pregar partidas:

[...] Ainda esta noite sonhei q estava em Antuerpia e gritei mesmo a dormir: - Gabriel, Gabriel! Vai à Marinha buscar o automóvel! Fujâmos aos obuses de 43!... – Enfim, um pavor.[...] (Nobre, 2001, p. 39: postal de 13 de outubro de 1914)

Realmente, passada uma semana, no pacato Portugal à beira mar plantado, Lopes Vieira mostra-se menos preocupado com a conjuntura mundial, embora considere que a duração e os resultados da Guerra demorarão ainda a perceber-se, e que afetarão muitas famílias:

[...] A guerra preocupa-me menos, porq assim é feito o espírito do homem; mas continuo a crer q *havemos de ter para peras*, como diz o povo. O céu está muito turvo e ainda há muito q. passar porq o drama é enorme, espantoso, e de resultados imprevistos. [...] Q horrível desarranjo começa agora em quantas vidas! Conheço alguns e V. mais q eu com certeza. [...] (Nobre, 2001, p. 39: postal de 13 de outubro de 1914)

É perante um quadro destes, ensombrado pela grande mancha da I Grande Guerra que ninguém poderia adivinhar quanto tempo iria demorar e como acabaria, que o poeta fala pela primeira vez ao amigo de uma *aventura industrial*¹ (pouco acrescentando sobre o assunto e deixando-nos com vontade de saber se apenas se terá tratado de uma atitude romântica do poeta em sofrimento com a Guerra e com várias crises pessoais até ao ponto de abandonar a Câmara dos Deputados em 1916, para se dedicar à sua obra):

[...] – De mim, pouco q contar. A grande novidade é q tentar vou a aventura industrial marinhense de q lhe falei – e oxalá a fortuna me proteja! [...] (Nobre, 2001, p. 36: postal de 9 de outubro de 1914)

[...] PS Estou entusiasmadíssimo com a fabrica. É impossível q este sonho falhe! (Nobre, 2001, p. 40: postal de 17 de outubro de 1914)

[...] Já lhe contei também os meus graves projetos industriais e, com efeito, preciso ganhar dinheiro, não pelo dinheiro em si, mas pelo q de belo me pode deixar fazer. Não aspiro a capitalista; aspiro a criar poesia viva, e essa, mesmo sendo modesta, custa cara. [...] (Nobre, 2001, p. 40: postal de 18 de outubro de 1914)

Desta euforia inicial, o mais provável é que se tenha passado à fase de concretização do projeto, mas as condições da Guerra não eram das mais propícias, e em junho de 1915, o poeta faz um pedido enigmático a Artur Lobo de Campos que nos faz – enquanto leitores em busca da criação da indústria aventureira – permanecer mais duvidosos sobre a efetiva ligação do poeta com a fábrica, inicialmente desejada com tanto fervor:

[...] Qdº. Amº. – Peço-lhe atenda com a melhor vontade e o seu *máximo empenho* ao assunto sobre q Magalhães lhe escreverá um de estes dias, - assunto q é de *capital* importância para mim (*assunto fabrica*) e para V. não é de difícil nem custosa atenção, exigindo apenas *diplomacia* e um ou dois homens dedicados e espertos. Não tenha portanto receio do q lhe vamos pedir, e significa para nós *muítíssimo!* [...] (Nobre, 2001, p. 45: postal de 26 de junho de 1915).

Depois desta missiva tão imperativa, seria de esperar que houvesse mais alguma referência no resto da correspondência, mas tal não vai acontecer, até pelo menos janeiro de 1945 (o último postal enviado com timbre do correio e que não é duvidoso quanto à datação).

Esquecemos o assunto – pouco dentro da nossa especialidade – quando nos chegou às mãos uma carta não datada de Afonso Lopes Vieira dirigida a António de Magalhães Júnior¹. A aventura industrial tomava outras dimensões se o poeta se dirigia ao industrial, em termos que nos revelam o seu desagrado com a demora das respostas, mas mostram bem a sua tenacidade em manter-se dentro do projeto, comprando até a quota de um primo, António Andrade, da indústria – que se pressupõe criada ou em fase de gestação e identificada como Marquês de Pombal. Eis a transcrição da missiva:

Meu prezado Amigo – se as minhas cartas não tivessem ido por mão própria, imaginaria eu q elas se haviam extraviado, começando eu a achar um pouco estranho o seu silêncio, q felizmente não é devido a falta de saúde e talvez às suas mt^{as} ocupações. Brevemente conto ir ahi p^a conversarmos sobre assuntos da fabrica. Recebi este inverno três propostas de encomendas, uma dos ourives Rosas do Porto, outra inglesa e outra brasileira. Como referi ao nosso sócio António Dias, q encontrei em Lisboa, penalizou-me não os podermos satisfazer porq a época é excepcional p^a se lançarem as industrias. Sei bem q se a fabrica não labora ainda não é isso devido a menos cuidado ou competência do Sr. Magalhães, mas às circunstâncias da guerra. Entretanto, parece-me urgente pensar-se em começar a laboração, mesmo p^a não darmos prazer aos nossos inimigos. Participo-lhe q decidimos, meu Pae e eu, ficar com a quota destinada a meu primo Antonio Andrade. É esta a melhor prova da confiança q temos na empresa Marquês de Pombal. Qtº ao empréstimo q o meu Amº me fez o ano passado, falaremos à vista. Já ahi teria ido hoje se a mh^a saúde não fosse um pouco precária nesta ocasião. [...] (autógrafo de Afonso Lopes Vieira, carta 23,5 x 32 cm, com emblema da casa de S. Pedro, manuscrito a tinta preta, nd.)

Das três personalidades citadas, é interessante o nome do primo do poeta – António (Lopes Rebelo de) Andrade – pois faz-nos tirar ilações quanto ao envolvimento de dois jovens

adultos naquilo que consideravam (e se poderia considerar) uma *aventura* em tempo de guerra. Porém, como as aventuras industriais necessitam financiamento, talvez isso tenha afastado o primo e feito o pai do escritor, Dr. Afonso Xavier Lopes Vieira, considerar que aquela seria uma boa área a investir para tentar fixar o filho, sempre mais interessado na vertente artística do que na política, sobretudo numa altura de grave crise e guerra. Sobre isso o poeta é suficientemente discreto nesta carta e ficamos sem saber se o financiamento inicial tinha sido na totalidade de António de Magalhães Júnior ou não.

A referência ao sócio António Dias também pouco nos diz, mas só em agosto de 1917 se concluem as obras (com projeto de Magalhães Júnior) e se inicia a produção, numa pequena fábrica, com uma menor produção e onde era possível produzir peças de grande qualidade. Afigura-se, pois, provável, que o número de sócios fosse bem mais largo do que este grupo de três, uma vez que a elite marinhense e leiriense tinha-se habituado a acreditar no valor de António de Magalhães Júnior.

Nas atas notariais da Marinha Grande, para o período em apreço (vd. ADL: III-33-D-4), encontrámos a ata de constituição da referida sociedade por quotas, a saber 'Escriptura da sociedade commercial por quotas – Fabrica de Vidros – Magalhães & Companhia, Limitada'. No vocabulário técnico específico destes atos se diz: “[...] aqui compareceram como outorgantes os senhores António Magalhães Júnior, casado, industrial, possui a soma bastante procuradora dos senhores doutor Affonso Lopes Vieira, e Manuel Ruivo Pinto, e por amistoso ser por ele passarão representados; [...] “ A ata é completíssima e compõe-se de várias páginas, com questões e artigos relevantes, atingindo o número de 25, quase um Regulamento de funcionamento da dita empresa e de salvaguarda relativamente a outras então em laboração, mas vale a pena citar as 5 primeiras questões esclarecidas, a saber:

[...] *Primeira*. Esta minha absorção na denominação sucinta – *Fabrica de Vidros*, com a firma *Magalhães & Companhia, Limitada*. *Segunda*. O seu fim é a laboração da indústria dos vidros. *Terceira*. A uma duração de tempo indeterminado, a suster d'outra escriptura. *Quarta*. A sua sede é uma Fábrica de Magalhães Júnior, misto o estabelecimento da fábrica n'estas minas Velhas, pórtico denominado as Fontes. *Quinto*. A composição social é figurada num quórum de quarenta e sete mil escudos, uma dádiva, dividida em partes subscriptas pela forma seguinte: de oito mil escudos os excelentíssimos doutor Affonso Lopes Vieira, com a declaração [?] do padre, estando em transferido seis mil escudos de minha António Rebelo d'Andrade; de cinco mil escudos na quota de José Mateus [...]

A ata é firmada por mais de uma dezena de assinaturas e tem a data de 3 de julho de 1914.

Este texto-memória mostra-nos que o projeto industrial estava a ganhar vida e que as dúvidas que Lopes Vieira expõe na carta não datada (mas que no contexto provável parece ser de 1914-1915) fazem de Magalhães a figura central a partir da qual tudo evoluía e sem a qual os outros elementos se sentiam incapazes de criar amarras e pontos de viragem. Tudo indica que o nome da fábrica tivesse ficado a ser conhecido por Marquês de Pombal, embora a ele não se faça referência na ata.

Magalhães Júnior é a figura mais conhecida, pois se transformou num industrial de sucesso e foi grande empreendedor. Embora tivesse iniciado a sua vida laboral como aprendiz na Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande, como então era conhecida a Fábrica Escola Irmãos Stephens (que encerrou laboração em 1992), nasceu em 1852 na Marinha Grande, para onde os pais se tinham deslocado como técnicos da Fábrica de Cristais da Vista Alegre. Revelou ser um bom trabalhador e falante da língua francesa o que lhe permitiu subir aos primeiros lugares da administração da real fábrica de vidros. Em 1877, pela ausência de João Augusto de Castro, passa a diretor técnico; e em 1883, por morte de Correia da Silva Marques, passa a administrador gerente. Acima dele na hierarquia estava o visconde d'Azarujinha, de

quem era grande amigo. O rei D. Carlos, na sua visita à Real Fábrica de Vidros, concede-lhe o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, como reconhecimento pela forma competente com que dirigiu tecnicamente a indústria. Seja como for, a vontade deste homem continuou a desejar criar novas fábricas e assim aconteceu com a Nova Fábrica de Vidros da Marinha, que iniciou laboração em 5 de janeiro de 1894. Várias foram as crises que a indústria sofreu e por vezes estas duas fábricas entravam em colisão, acusando cada uma delas Magalhães Júnior. Talvez isso determine o sentido de iniciar uma fábrica menor e virada para objetos estéticos e refinados. Acontece que nem sempre o tempo para usufruir dos sonhos é longo: Magalhães Júnior morre a 24 de junho de 1917, sem ter podido lançar fogo aos fornos da Marquês de Pombal (o nome da nova fábrica criada por então, e que assim ficou conhecida).

Quanto à permanência de Afonso Lopes Vieira entre os sócios da fábrica Marquês de Pombal, ignoro o rastoⁱⁱⁱ. Percebemos, no entanto, no teor da missiva, um interesse grande em usar as suas ligações sociais e em levar os objetos de vidro, com a sua individualidade portuguesa, para Inglaterra ou o Brasil. Lopes Vieira mostra-se disposto a fazer com esta *aventura*, hoje diríamos, incursão industrial, mais um marco da sua missão no reaportuguesamento de Portugal, desta feita através dos vidros como artefactos representativos. Sei que sobraram algumas taças de sobremesa e alguns copos da coleção *espuma*, do deleite de Afonso Lopes Vieira. A pergunta que fazemos e nos deixa estupefactos perante a ausência de resposta é: e não pode um modelo destes continuar a ser produzido e fazer do poeta Afonso Lopes Vieira o aventureiro industrial – que efetivamente foi – colocando em simultâneo os nossos objetos artísticos e técnicos em circulação no mundo? Que esta janela permita abrir novos focos de luz sobre o poeta e sobre a portugalidade e o que quer mostrar de si ao mundo.

Cristina Nobre

Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Nobre, Cristina (2001) *...um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência e Autógrafos (1909-1945) de Afonso Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos*, col. Biblioteca Afonso Lopes Vieira, C.M. Leiria & Magno ed..

Autos de Concessão (SSR), datas de produção:1890-1933, dimensão: 4 caixas, âmbito e conteúdo: contém documentação referente aos autos de concessão para licenciamentos industriais no distrito de Leiria. [ADLRA: piso -1, dep. III, 79-C-3 a 79-D-2]

Índice Notarial da Marinha Grande: ADLRA: III-33-D-4, ata de 3 de Julho de 1914.

ⁱ Veja-se que já em Agosto de 1914 há uma concessão de licença para o estabelecimento de uma fábrica de vidraça no sítio dos Matos, freguesia da Marinha Grande, assinada pelo requerente Mariano Pereira Henriques, residente na Marinha Grande. (cf. ADL, cx. 76-7)

ⁱⁱ A amabilidade deve-se ao meu amigo sr. Gabriel Roldão, que me presenteou com esta missiva no fim de ano de 2013. Aqui fica o meu agradecimento público por mais um gesto de altruísmo.

ⁱⁱⁱ No entanto, no Arquivo Distrital de Leiria [ADL], uma pesquisa de processamento de dados, acabou por ligar esta Fábrica, através da proximidade das datas (outubro e novembro de 1914) e da existência do topónimo Pombal, Guia, onde a fábrica, eventualmente, teria estado localizada. Citamos o texto, com a história administrativa, bibliográfica e familiar, tal qual ele saiu do processador do ADL: “Por escritura de 19 de Dezembro de 1927, ‘a sociedade por quotas que girava na praça de Lisboa sob a firma Neves Leal, Limitada, substituiu esta firma pela denominação de Empresa Vidreira de Oeste, Limitada.’, localizada na Guia, constando do artigo 3.º que ‘a sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo se contará de 19 de Novembro de 1914’. Por sua vez, é por transformação desta Empresa Vidreira que surge, em 1933, a Companhia Industrial de Vidros, Lda. ‘A Companhia Industrial de Vidros, Limitada, é uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Guia, freguesia de Mata Mourisca, concelho de Pombal, resultante da transformação da antiga sociedade Empresa Vidreira do Oeste, Limitada, nos termos da respectiva escritura outorgada em 22 de Abril de 1933, lavrada a folhas 54/verso e seguintes do Livro n.º 74 do 8.º Cartório Notarial de Lisboa, e da escritura de substituição da denominação e do seu pacto social outorgada em 12 de Janeiro de 1934, lavrada a folhas uma e seguintes do livro B-101 de notas deste Cartório.[...]”